

# APRESENTANDO A MÚSICA DE CABO VERDE ÀS CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA FACUL DAS CRIAS: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DA LEI 10.639/03<sup>1</sup>

Gerson Felémon da Silva Less<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como foco trazer e dar visibilidade para uma discussão em torno da Lei 10.639/03, tendo a música como uma linguagem artística capaz de se aliar, epistemologicamente, com a educação, conectando o debate sobre infâncias e crianças a partir de uma perspectiva decolonial e afroperspectivista. Realizamos uma intervenção pedagógica crianças quilombolas do Quilombo Macaco (São Francisco do Conde, BA) na FACUL das Crias, projeto desenvolvido na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Durante a realização dessa intervenção pedagógica, pensamos sobre as distintas realidades das crianças em questão e levamos em consideração determinados aspectos da cultura africana, especificamente a cabo-verdiana, através da música, apresentando várias canções, entre outras atividades, pensando em como a imaginação e percepção musical são capazes de impulsionar nas crianças o desejo de produzir e escutar sons que conectem o nosso estado de espírito e as nossas emoções, a partir de ritmos africanos e afro-diaspóricos, na tentativa de promover uma integração entre os saberes, tanto das crianças como aqueles da cultura musical cabo-verdiana.

**Palavras-chave:** Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. Educação Infantil - São Francisco do Conde (BA) - Relações étnicas. Música folclórica - Cabo Verde. Quilombo Macaco - São Francisco do Conde (BA).

## ABSTRACT

This article focuses on bringing and giving visibility to a discussion around Law 10.639/ 03, having music as an artistic language capable of allying itself, epistemologically, with education, connecting the debate about childhoods and children from a perspective decolonial and afroperspectivist. We carried out a pedagogical intervention for quilombola children from Quilombo Macaco (São Francisco do Conde, BA) at FACUL das Crias, a project developed at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). During this pedagogical intervention, we thought about the different realities of the children in question and we took into account certain aspects of African culture, specifically Cape Verdean, through music, presenting various songs, among other activities, thinking about how imagination and musical perception are capable of boosting in children the desire to produce and listen to sounds that connect our state of mind and our emotions, based on African and Afro-diasporic rhythms, in an attempt to promote integration between the knowledge of both children like those of Cape Verdean musical culture.

**Keywords:** Brazil. [Law no. 10,639, 9<sup>th</sup> January, 2003]. Early Childhood Education - São Francisco do Conde (BA) - Ethnic relations. Folk music - Cape Verde. Quilombo Macaco - São Francisco do Conde (BA).

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Míghian Danae Ferreira Nunes.

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidades e licenciando em Pedagogia na UNILAB, Malês (BA).

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse sobre a importância da música para a pedagogia, os estudos sobre relações raciais e infância, materializados nos encontros que tive com crianças para a realização de um projeto de intervenção ao fim do curso de pedagogia motivaram-me a escrever este artigo, que tem como umas das finalidades refletir sobre a execução deste intitulado “Implementando a lei 10.639/03 através da música cabo-verdiana na Facul das Crias”. O projeto nasceu da vontade de apresentar às crianças, crianças estas que são todas negras, filhos e filhas de estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA) e provenientes dos bairros periféricos da cidade de São Francisco do Conde (BA)<sup>3</sup> e do Quilombo Macaco, a cultura presente nas músicas cabo-verdianas, fazer valer a Lei citada no título do projeto também em espaços não-escolares.

A FACUL das Crias é um projeto de extensão da universidade Lusófona Afro-Brasileira (UNILAB). Segundo Layla Carvalho (2019), coordenadora do “FACUL das Crias”<sup>4</sup>, este projeto pretende ser uma “brinquedoteca e uma roda de conversa de gestantes, puérperas e mães. Esse projeto foi criado no ano 2018, dedicado ao cuidado e atenção às crianças da comunidade da UNILAB, estudantes, professores/as e funcionários/as, para que pessoas responsáveis pelas crianças possam conciliar a responsabilidade de cuidar com as atividades laborais e acadêmicas e encontrem espaço de partilha de experiências, dúvidas e afetos para o exercício do cuidado”<sup>5</sup>. Inicialmente, o público-alvo da intervenção realizada seria as crianças que frequentam a FACUL das Crias, mas, com o número reduzido de crianças frequentes no mês de dezembro/janeiro de 2019 no projeto, pensamos em agregar crianças que, apesar de não participarem do projeto, poderiam nos ajudar a preencher as vagas nos dias em que ministramos as ações<sup>6</sup>; assim, surgiu a possibilidade de trazer as crianças do Quilombo Macaco.

Tive dificuldade de conseguir informações oficiais sobre o Quilombo Macaco, mas, em conversa informal com uma das líderes da comunidade, estudante do curso de Ciências Sociais na UNILAB, Taiane Souza dos Santos, tive informações que o "Quilombo Macaco é uma comunidade centenária sendo uma das primeiras de São Francisco do Conde, visto que muitos moradores do centro da cidade (Sede) são provenientes desta comunidade. O nome do distrito

---

<sup>3</sup> As crianças são provenientes dos bairros: São Bento, Centro, Nova São Francisco e Zé Grosso.

<sup>4</sup> Informações retiradas de formulário interno da UNILAB para cadastro de ação e extensão para a criação da FACUL das Crias (2019).

<sup>5</sup> Informação pessoal obtida pelo autor do artigo. Data: 11.12.2019.

<sup>6</sup> Apesar disso, não deixamos de citar o projeto porque, sem ele, talvez não tivéssemos encontrado um espaço não escolar no horário noturno em pudéssemos abrigar as crianças e realizar as atividades.

se deu por conta da forte presença de macacos nessa área; eles ficavam sobre uma pedra perto da igreja de São Roque, devido a isso a população começou a chamar a localidade de Macaco. Antes era chamada de fazenda São Roque, mas o nome popular acabou ficando como o oficial. Mas de 90 por cento da comunidade é negra, sendo apenas duas famílias branca e uma delas é dona de metade da terra da comunidade, ocupando a parte de cima das terras e as outras famílias dividindo as terras da parte de baixo. Por fim ela diz que acredita que a comunidade seja um quilombo pelo fato histórico e de resistência dos seus moradores e pelos contos que escutam dos mais velhos através da tradição oral, e que estão em processo de luta e organização para o reconhecimento da comunidade como o quilombo Macaco"<sup>7</sup>.

O objetivo desta intervenção foi o de trabalhar a Lei<sup>8</sup> de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/1996, artigo 26A, na alteração de nº 10.639/03 no espaço não escolar da FACUL das Crias através da apresentação da música cabo verdiana, visibilizando a participação das crianças negras no espaço da universidade. Um dos focos do artigo é o de refletirmos sobre esse projeto de intervenção, na medida em que, é importante não dissociá-lo deste trabalho científico, tendo em conta a sua contribuição empírica para o processo de participação e integração das crianças, filhos/as de estudantes, professores/as e servidores/as, através da música e compartilhamento da cultura cabo-verdiana pelo meio de apresentação das obras de autores, compositores, músicos, cantores e por fim contribuir para uma educação que pretende descolonizar os diferentes corpos e mentes<sup>9</sup> a partir do ensino da arte e cultura africanas, fugindo das práticas eurocêntricas que são impostas nos espaços escolares brasileiros. A autora Marques (2018) cita que:

A adoção de uma postura ética em prol da pedagogia Decolonial por meio de práticas pedagógicas interculturais e antirracistas precisa estar presente no cotidiano escolar e ocupar o espaço das práticas, preconceituosas, dos discursos hegemônicos e monoculturais que historicamente negaram a importância da ancestralidade africana e a construção da identidade negra. (p.46)

Acredito que é de suma importância que esse processo de compartilhamento da cultura africana (cabo-verdiana) aconteça nesse espaço e com essas crianças pois a academia é um espaço ainda eurocêntrico de produção de conhecimento; percebo, ainda, que, se a instituição tem em sua diretriz a integração como um dos princípios fundamentais de sua existência

---

<sup>7</sup> Informação pessoal obtida pelo autor. Data: 01.02.2020.

<sup>8</sup> Ver em:

[https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis\\_10.639\\_2003\\_\\_inclusão\\_no currículo\\_oficial\\_da\\_História\\_e\\_Cultura\\_Afrobrasileira.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003__inclusão_no currículo_oficial_da_História_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf). Acesso em.30. jan. 2020.

<sup>9</sup> Para aprofundar o debate sobre a descolonização do saber a obra de Eugenia Marques (2018) intitulada “Educação das relações Étnico Raciais: caminhos para descolonização do currículo escolar”.

(UNILAB, 2010, p. 13), tal integração não tem incluído as crianças que existem em cor e corpo (NUNES, 2012) neste espaço. A ideia desse trabalho é demonstrar que, através da cultura presente na música cabo-verdiana, é possível colaborarmos com o processo formativo das crianças negras e contribuir no processo acolhimento e integração das crianças no campus da universidade.

O problema que norteou a confecção do plano de intervenção pedagógica e se relaciona com este artigo a partir da pergunta: qual a importância da ação pedagógica iniciada no dia 14 de janeiro de 2020, no espaço ocupado pela FACUL das Crias no *hall* da Universidade (UNILAB), localizado em São Francisco do Conde, para as crianças e a construção das suas infâncias? Ao eleger esta pergunta como aquela que move este trabalho, vemos como necessário localizar a música nesta intervenção como uma força-motriz didática fundamental, no sentido de integrar as crianças dentro do "universo unilabiano", pautando por questões de afeto e educação, entendemos que a de uma canção pode proporcionar a elaboração, em adultos/as e crianças partícipes das ações, processos de ensino e aprendizagem. Com este projeto, pudemos notar, mais uma vez, que esses processos podem se dar não apenas em espaços formais como a escola, mas também em espaços não formais, como a FACUL.

Durante toda a minha infância e adolescência, ouvi uma frase que era sempre atribuída a Amílcar Cabral, considerado herói da libertação do povo cabo-verdiano e guineense contra a colonização: “as crianças são a razão da nossa luta, as flores da nossa revolução”. Esta é uma frase que levo sempre para a vida e tanto neste artigo na intervenção não foi diferente.

Este artigo dividido em três seções, sendo a primeira dedicada as relações entre a música e a pedagogia, pela importância que há, para a elaboração deste projeto, a assunção da música como importante linguagem tanto para a educação como para a compreensão das infâncias e crianças brasileiras; na segunda sessão, trataremos determinados aspectos sobre o conceito de infância e criança tentando pensar os conceitos a partir de uma perspectiva decolonial; já a terceira sessão será dedicada a falar sobre os encontros realizados com as crianças para a realização desta intervenção.

## **2 MÚSICA E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICOS**

Antes de adentrarmos na discussão sobre o papel da música na educação nesta etapa do artigo, refletindo sobre os processos didáticos com as crianças, é necessário perceber-se que o ensino da história, cultura africana e afro-Brasileira nas escolas Brasileiras é obrigatório por lei

e com a promulgação da Lei 10.639/03 aprovada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, mas os obstáculos têm sido imensos para uma efetivação real da mesma nas salas de aula.

Os objetivos desta ação afirmativa, assim como de algumas outras impetradas pelo movimento negro brasileiro em diversos setores da sociedade civil, segundo Nilma Gomes (2001), são: induzir transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica, visando a tirar do imaginário coletivo a ideia de supremacia racial versus subordinação racial e/ou de gênero; coibir a discriminação do presente; eliminar os efeitos persistentes (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado, que tendem a se perpetuar e que se revelam na discriminação estrutural; implantar a diversidade e ampliar a representatividade dos grupos minoritários nos diversos setores (p.44).

Para Rosa Barros, Letícia Marques e Luíza Tavares (2018), a música constitui-se em uma linguagem universal, sendo um dos instrumentos imprescindíveis para a compreensão da evolução das sociedades. Ao lado das demais expressões artísticas, fornece à História registros notadamente importantes das manifestações da cultura de cada povo, registrando seus hábitos, emoções, religiosidade, mitos, e o processo educativo. Ainda mais que não podemos perder de vista que as

diretrizes nacionais para a operacionalização do Ensino da Música na Educação Básica (CNE/CEB nº12/2013 de 04/12/2013) apresentam a emergência de um Currículo que contemple uma Matriz de Conteúdos para o Ensino da Música, cujo enfoque seja constituir-se em um instrumento que contribua para o trabalho do professor especialista e não especialista no desenvolvimento da Educação Musical na Educação Básica e, sobretudo na Educação Infantil. (BARROS, MARQUES e TAVARES, 2018, p. 2)

Dentro desta contextualização, por ser música, vejo a como uma importante linguagem que, aliada à educação, pode se converter num modo afetivo de se trabalhar a cultura africana e afro-brasileira nos espaços escolares e não escolares. É perceptível a semelhança<sup>10</sup> dos ritmos musicais africanos e afro-brasileiros; o samba é um dos exemplos.

O samba que se originou da mistura musical de origem africana e Brasileira, é tocado com instrumentos de percussão, acompanhado de cavaquinho e violão. As letras de sambas retratavam a vida e o cotidiano das pessoas que moram nas cidades, principalmente das camadas mais pobres. A estrutura melódica e rítmica do samba, tem seu significado relacionado às danças típicas tribais do continente. Assim sendo, o samba tem suas raízes fincadas na terra Brasileira, no período do Brasil Colonial, com a vinda da mão de obra escrava (ALVEZ; CACIONE, 2014, p. 7).

---

<sup>10</sup> Consultar Carvalho (2003).

Igualmente, ao pensar-se sobre os instrumentos musicais percussivos utilizados na execução dos ritmos musicais afro-brasileiros (djambé, tumba, tambor ou atabaque), também é importante refletir sobre o fato de alguns autores defenderem a ideia de que há um pouco de preconceito quanto aos instrumentos tradicionais de origem africana.

Defrontamo-nos aqui com indícios da existência de um recalque no Brasil com respeito aos tambores artesanais de origem africana. São escassíssimos os discos comerciais que apresentam música do trio de tambores de crioula, por exemplo. O mesmo sucede em relação à variedade de conjuntos de tambores envolvidos no complexo universo do Congado e do Candombe de Minas Gerais. E quanto à música ritual afro-Brasileira, o único símbolo percussivo assimilável parece ser o trio de atabaques baianos, e mais particularmente os da nação Kêtu. (CARVALHO, 2003, p. 11).

Entendo que uma das formas de valorizar a identidade das crianças negras brasileiras, em termos sociológicos, é permitir o acesso repertórios musicais de diversas partes do continente africano; para as crianças negras, aprender sobre culturas musicais de países africanos, além de expandir sua percepção de mundo, tais quais as outras crianças, favorece o fortalecimento de sua autoestima, tão vital para o aprendizado e a vida em sociedade. Entendemos estas ações como vitais para a valorização da identidade de crianças negras brasileiras.

Acredito que a música é fundamental no processo de (re)conhecimento da cultura africana e afro-brasileira bem como para o reconhecimento da identidade do povo negro, pois compartilho da linha de pensamento da blogger Karen Berg, que diz que a música transcende a nossa capacidade humana de compreender as coisas, ela toca a nossa alma e guarda consigo segredos que são imortalizados pela vida toda.

“A música é uma linguagem universal. Ela transcende todas as limitações e penetra em nossos corações a despeito de todas as barreiras de comunicação. Uma linda música consegue colocar um sorriso no rosto de praticamente qualquer pessoa”. (BERG, [201?])

Com base nisso, Sobonfu Somé (2003) também realça que a intimidade, de um modo geral, acaba sendo equiparada a uma canção de espírito que convida duas ou mais pessoas a compartilharem seu espírito de forma íntima como uma canção que ninguém consegue resistir. Seja acordado ou dormindo, tanto dentro da comunidade como sozinhos, ouvimos essa canção, sendo impossível ignorá-la. Assim sendo, Somé (2003) também reforça que, "quer admitamos ou não, existe uma dimensão espiritual em todos os relacionamentos", pois, a possibilidade de duas ou mais pessoas unirem-se, espiritualmente, por causa de uma afetividade, é onde habita o espírito da intimidade.

Para Maria da Glória Gohn e Isa Stavrakas (2010), "a música é o elo entre o som e o silêncio, entre o criar e o sentir, entre os movimentos vibratórios e as relações que se estabelecem com eles". Assim sendo, as autoras também falam que, refletir sobre a música como elemento que une de forma complementar o som e o silêncio faz com que o indivíduo tenha uma relação intrínseca com a capacidade de perceber o mundo à sua volta, permitindo-lhe, a partir disso, construir e produzir sua própria história de diferentes maneiras. Dado que, o homem é um artista que, no seu processo de criação, elaborou combinações de som e silêncio e as transformou em música. Desta forma,

A música é uma arte presente em todas as culturas como linguagem simbólica, com inúmeras representações, que permite à criança expressar suas emoções e sentimentos, contribuindo para a sua formação integral. Sendo uma forma de comunicação e de expressão, torna-se importante elemento na construção do saber, necessária na Educação Infantil e na formação do educador. Mas o que é música? Esta pergunta tem sido feita ao longo da história e recebido diferentes respostas, dependendo da cultura da sociedade e do contexto em que está inserida. A visão de mundo que se tem de uma época norteia o papel que a música desempenha, valorizando suas funções e as práticas que se estabelecem entre diferentes grupos. Em contrapartida, de acordo com o "Referencial Curricular para a Educação Infantil", música é: "[...] a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre som e o silêncio. (BRASIL *apud* GOHN e STAVRACAS, p. 86, 2010).

Desse modo, também podemos afirmar que a música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente – e podem até mesmo transmitir significados concretos. "O cérebro de todo ser humano se interessa muito por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado", explica Stefan Kölsch, do Instituto Max Planck de Ciências Cognitivas e Neurológicas, em Leipzig. Kölsch investiga a ligação entre a música e a fala. O músico e psicólogo descobriu que o cérebro não faz grande diferença entre as duas: ambas são trabalhadas na mesma região. (SCHALLER *apud* CORREIA, 2010, p. 135).

Logo, é importante garantir a presença da música nos currículos dos cursos que formam professores e, por conseguinte, assegurar a formação musical para o docente, não é suficiente para fomentar a prática da musicalização no contexto escolar, mas é o começo para a reconstrução da sua identidade dentro das instituições de ensino. É preciso que haja uma conscientização coletiva de todas as esferas educativas sobre sua importância no campo da educação, sobretudo, na educação formal pré-escolar, fazendo com que seja devidamente tratada como uma linguagem tão importante quanto às demais áreas do conhecimento e,

portanto, fundamental para o processo de ensino-aprendizagem (GOHN e STAVRACAS, p. 101, 2010).

Trata-se portanto, de uma construção epistemológica importante, essa de unir a arte, nesse caso, a música com a educação, tendo em conta uma aproximação íntima entre as crianças e o professor, perspectivando um ambiente escolar e não escolar mais leve, pautado por canções e ritmos musicais; a realização das ações juntos às crianças evidenciou com a música pode ser uma linguagem que, em conjunto com a educação e a pedagogia, é capaz de criar laços de intimidade entre crianças e adultos, estudantes e professoras/es, sem perder de vista uma relação de ensino e aprendizagem.

### **3 INFÂNCIA (S) E CRIANÇA (S) - POR UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

De acordo com Cláudia Nascimento, Vantoir Brancher e Valeska Oliveira (S/A, p. 9, 10 e 11), a infância é um conceito cultural tanto quanto biológico. Os estudos sobre a infância, na atualidade, vêm se organizando em uma perspectiva de estudo designada ‘sociologia da infância’; esta área de conhecimento pode ser considerada recente em termos de produção e de constituição enquanto área de estudos e pesquisas e iniciou-se na França e na Inglaterra.

Quando pensamos em infância e criança negra, devemos relacionar aí outros debates. O racismo, por exemplo, é um tema que afeta também as crianças. Segundo Mighian Nunes (2010), “o racismo é um elemento estrutural/estruturante das vidas em sociedade, presente nas relações sociais e que se manifesta de maneira complexa quando relacionado a aspectos intergeracionais e de gênero” (p. 385)

É preciso também compreender que os estudos decoloniais, ao propor uma ruptura de olhar sobre as coisas, de algum modo, também pode ser um instrumento para questionar a infância estabelecida, já que esta, assim como as crianças, é controlada por modelos de subordinação e dominação nas relações de poder existentes, tal e qual a ideia colonial aqui estabeleceu suas bases. De acordo com Pablo Quintero, Patricia Figueira e Paz Concha Elizalde (2019, p. 9) os estudos decoloniais compartilham um conjunto sistemático de enunciados teóricos que revisitam a questão do poder na modernidade. Entre os procedimentos conceituais que organizam tal pensamento, destacamos:

[...] 3. A compreensão da modernidade como fenômeno planetário constituído por relações assimétricas de poder, e não como fenômeno simétrico produzido na Europa e posteriormente estendido ao resto do mundo; 4. A assimetria das relações de poder



entre a Europa e seus outros representa uma dimensão constitutiva da modernidade e, portanto, implica necessariamente a subalternização das práticas e subjetividades dos povos dominados; 5. A subalternização da maioria da população mundial se estabelece a partir de dois eixos estruturais baseados no controle do trabalho e no controle da intersubjetividade; 6. A designação do eurocentrismo/ocidentalismo como a forma específica de produção de conhecimento e subjetividades na modernidade. (QUINTERO, FIGUEIRA e ELIZAIDE, 2019, p. 5)

Se queremos romper com a colonialidade e assumir a decolonialidade, ou seja, a desconstrução de um modelo de sociedade baseado em práticas de dominação, racismo, adultocentrismo e alguns outros sistemas de subordinação, é necessário, primeiro, reconhecer as múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder. A dominação colonial seria, portanto, o conector entre diversos lugares epistêmicos (BERNARDINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016, p. 21).

Após uma análise combinada dos conceitos apresentados acima, percebe-se que os conceitos de infância e criança que mais conhecemos, criados para atender a uma modernidade eurocentrada, não dão conta das crianças negras com as quais interagimos na intervenção realizada na FACUL das Crias. Isso porque as crianças negras brasileiras fazem parte de um grupo que se encontra geograficamente ao sul e, ao estar no sul, apenas por existirem, enfrentam “a modernidade eurocentrada através de uma multiplicidade de respostas críticas decoloniais” (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL 2016, p. 11). Lembramos ainda do que afirma Nogueira e Alves (2019) sobre as contribuições de Achille Mbembe (2018) que no lembrar como o continente africano é visto, como uma ausência, ou seja, "o nome da incapacidade de pronunciar o universal" (p. 9). Podemos aí também pensar que a infância também é vista a partir da falta; assim como a infância é designada por aquilo que falta – infans, incapacidade de falar –, para o autor, a África estaria ligada à noção de infância em escala mundial, na medida em que a noção de infância nos fala de uma fase da vida individual, "aqui assume o sentido de um período da humanidade, de uma etapa evolutiva do ser humano" (p. 9).

Posto isto, ainda de acordo com Renato Nogueira e Luciana Pires Alves (2019), devemos organizar novos modos para ver a infância das crianças negras, relaciona-se com uma hipótese afro-perspectivista, realçando que, "a afro-perspectividade não é um simples neologismo, mas uma abordagem acadêmica que se posiciona contra o racismo em seus diversos aspectos, considerando-a como um fenômeno-chave para compreensão de inúmeros desafios contemporâneos (p. 6).

Segundo Nogueira e Alves (2019, p. 6), essa abordagem teórica não tem "nenhuma originalidade, mas um rearranjo de estudos de Molefi Asante, Abdias do Nascimento, Tânia

Stolze Lima e Eduardo Viveiros de Castro" pois, de maneira geral, na perspectiva dessas/es autoras/es, a afro-perspectividade é um exercício filosófico em diálogo com outras áreas das ciências humanas (especialmente a sociologia da infância) baseado em sentidos de mundo africanos, afro-brasileiros e indígenas de caráter biocêntrico que tem na infância um conceito-chave. Desta forma, ainda na ótica desses autores, em termos afro-perspectivistas, "reconhecemos as infâncias em várias camadas, tal como diversas teorias e estudos o preconizam" (p. 6). Dado que a,

afro-perspectividade aponta a infância – como conceito ontológico – como uma condição existencial, uma forma de experiência, um modo de relação e aquilo que nos aproxima de outras espécies vivas, que torna possível aumentar o repertório de possibilidades de viver". Neste sentido, e de uma forma resumida, se pode entender que "a infância é o que se deve buscar em qualquer projeto de educação" (p. 6)

Isto posto, dizemos que se há uma lógica na qual nós pesquisadores/as africanos/as e negros/as precisamos seguir, com o foco de transformarmos a realidade racista em que vivemos numa sociedade menos desigual e discriminatória possível deve ser feita

buscando romper a ideia de que as crianças negras são apenas vítimas de um destino já anunciado, qual seja, o da submissão à lógica adulta, a pesquisadora percebe que há uma reivindicação das crianças à participação efetiva no cotidiano do quilombo, ação social possível, entre outros motivos, pelo fato das crianças sentirem-se pertencentes ao lugar onde vivem (NUNES, 2016, p. 403).

Se desejamos romper com a colonialidade em nossas práticas pedagógicas, há que se criar e permitir novas formas de aprendizagem: vemos a música como um caminho teórico-metodológico que pode perspectivar ações afirmativas e equitativas capazes de incitar as próprias crianças negras e africanas a transmitirem o melhor de si mesmas, contribuindo deste modo para a construção de uma infância caracterizada por atividades que, realmente, façam parte das suas identificações e representações socioculturais. Mesmo que o caminho seja árduo, acredito que por intermédio da apresentação de músicas e compositores afro-diaspóricos e africanos para as crianças negras, poderá ser possível edificar um presente e um futuro onde as práticas antirracistas serão incorporadas nos cotidianos destas crianças. Pode-se concluir, portanto, que há possibilidades de pensar a Pedagogia da Infância através de uma rede de conceitos como a decolonialidade e o afro-perspectivismo, com o objetivo fulcral de combater o racismo estrutural, que, de certa forma, se encontra nos mais diversos países, citando o exemplo aqui, do Brasil e de Cabo Verde, mais especificamente, por terem sido os países que figuraram com mais força na intervenção.

#### 4 SOBRE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: OS ENCONTROS COM AS CRIANÇAS

Após estas breves explicações sobre os conceitos que acionamos no campo durante o trabalho de intervenção, essa seção se ocupará de apresentar a intervenção pedagógica realizada na UNILAB com as crianças. Segundo as pesquisas feitas pela internet<sup>11</sup>, no site Portal da Educação (2013), a intervenção pedagógica é uma interferência que um profissional, seja o educador quanto o psicopedagogo faz sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem do sujeito.

Desta forma, a primeira fase deste trabalho foi a escrita de um projeto de intervenção, submetido à supervisão da orientação; logo após esse momento, realizei a intervenção pedagógica na UNILAB, Campus dos Malês (BA) e finalizei no Quilombo Macaco com as crianças (4-12 anos) pertencentes às comunidades quilombolas do Macaco e Dom João; um dos frutos desta intervenção é este artigo científico, para registro e análise destas ações.

Assim sendo, é importante salientar que as atividades ligadas ao projeto de intervenção foram realizadas no espaço cedido pela FACUL das Crias no *hall* da universidade, espaço este ocupado pelo projeto dentro do edifício do campus. A FACUL das Crias ainda não possui uma sala para realização das atividades na universidade.

Desta forma, levando em consideração a realidade das crianças, foi trabalhado determinados aspectos da cultura africana através da música, mediante a apresentação de várias canções cabo-verdianas, assim como produzindo instrumentos musicais, na tentativa de dar oportunidade às crianças a liberdade de criar, improvisar, produzir sons e expressar seus sentimentos através do silêncio, barulho, dançando ou cantando, sem que se sentissem obrigadas a limitar sua imaginação, lembrando a elas que todos os sons que produzimos estão conectados com o nosso estado de espírito e nossas emoções.

A música das crianças é o barulhar, ação imprevisível e indeterminada que flui na diversidade de um corpo que se lança à sensibilidade de soar... a música não opera somente com sons, mas com a escuta como dimensão poética que invade os tempos livres ou as brechas provisórias da instituição para ressoar singularidades plurais (LINO, 2010, p. 81).

Destarte, no dia 14 de janeiro de 2020 iniciou-se o projeto de intervenção, nesse caso, cheguei à faculdade por volta das 17:30 e fui diretamente ao encontro da orientadora para ajustar os últimos detalhes que faltavam. De volta à universidade fizemos um tour pelo campus

---

<sup>11</sup> Consultar site: [siteantigo.portaleducacao.com.br](http://siteantigo.portaleducacao.com.br). Acesso em: 30. jan. 2020

mostrando às crianças as salas de aula, sala dos professores, biblioteca, sala de computador, banheiro, *hall* – onde fica o espaço da FACUL e por fim, a quadra, onde no primeiro dia serviu apenas para o aquecimento e alongamento das crianças com a música tema: “Txeu alegria na nha coração”, e já no segundo e terceiro dia se tornou efetivamente o lugar da realização das atividades, visto que o último dia as atividades foram realizadas no Quilombo Macaco.

No dia 15 de janeiro de 2020 foi o segundo dia do projeto. Às 19h00 iniciamos as atividades na quadra da universidade, pois, percebi no primeiro dia o calor que fazia no espaço da FACUL das Crias, e que isso deixava algumas crianças muito impacientes, principalmente, as menores, pois o local não tem ventilação natural adequada e nem ventiladores. Iniciamos com um alongamento tendo como base a música “Txeu alegria na nha coração”. A ideia nesse dia foi trabalhar ritmos cabo verdianos, o Batuku e a Tabanka, além de fazer a produção do instrumento musical *tchabeta*.

Já no último dia da intervenção, que aconteceu no dia 17 de janeiro de 2020, na comunidade do Quilombo Macaco, a intenção era sair do espaço físico da universidade e ir para a própria comunidade onde as crianças moram. Partimos da universidade por volta de 13 horas da tarde em rumo à essa comunidade. Uma vez lá na comunidade, fomos recebidos pela nossa colega Taiane e por algumas crianças que moram próximas à casa dela. Depois fomos para uma escola da comunidade no qual se para a execução do último dia do projeto. As atividades aconteceram no *hall* da escola pois não nos foi permitido a utilização da parte interna da escola. As atividades iniciaram por volta das 14 horas, e como de costume, dada as atividades anteriores, começamos por fazer um alongamento e relaxamento do corpo, depois cantamos a música tema do projeto “Txeu alegria na nha coração”.

De forma resumida, essa é a descrição de algumas atividades realizadas nesses três dias de aplicação desse projeto de intervenção. Estas atividades recreativas tiveram como base algumas canções cabo-verdianas e afro-brasileiras, cuja perspectiva está ligada à promoção de músicas africanas, com o intuito de levar as crianças que participaram do projeto a construir outras formas de compreensão musical, espiritual e corporal.

Sabemos que o conteúdo da Lei 10639/03 e seu parecer não foram pensados para atuação em espaços não escolares; ainda assim, não podemos desconsiderar o quanto este material nos ajuda a construir alternativas de trabalho pedagógico mais inclusivos para crianças, que interajam com elas pelo que são e não pelo que serão quando adultas. Uma educação antirracista pode ser feita em qualquer lugar, munindo-se de instrumentos teórico-práticos que escutem as pessoas, que apresentem novos referenciais epistemológicos, que aborde a diferença

como potência e que sobretudo possa dar espaço para que as pessoas, a partir de seus próprios referenciais, encontrem caminhos que possam colaborar com a superação de desigualdades.

Por outro lado, como afirma Marco de Almeida e Livia Sanchez (2017, p. 58) a lei não garante, por si só, a efetivação de seus preceitos. Ela se torna mais um instrumento para que, na dinâmica sociopolítica e no próprio cotidiano escolar, com todas as contradições, conflitos e embates que ali se dão, sejam produzidos os significados e os valores em torno de seu conteúdo. Nesse caso, torna-se importante perceber que não há uma relação direta e imediata entre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e a mudança das relações sociais desiguais, mas ele pode ser um instrumento de tensionamento das desigualdades raciais, uma via para a desconstrução gradual de mentalidades e práticas sociais discriminatórias, por meio da tentativa de estabelecer diálogos entre visões, concepções e experiências múltiplas – sem que se preestabeleçam a superioridade e a dominação de umas sobre as demais. Isto porque é importante a construção coletiva de uma realidade que contemple a diversidade, garantindo que alguns grupos não apenas deixem de ser responsabilizados por não se adequarem a espaços que os discriminam, mas também saiam do seu local de invisibilidade, silenciamento e exclusão.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho foi possível dar visibilidade à música que, como uma linguagem artística, pode, aliada à pedagogia e à educação como um todo, fortalecer o diálogo entre a criança e o adulto, não apenas em espaços escolares como em não escolares. Vivemos envolvidos em discursos coloniais cujos tentáculos ainda persistem em nos amarrar; conseqüentemente, temos o desafio, enquanto futuros professores e pedagogos, de fazer a diferença, e uma das formas de mostrar essa capacidade de ser diferente é o de utilizar a música, nesse caso, a música caboverdeana e afro-brasileira como uma arma importante para ir à luta, contra esse sistema racista e hegemônico que nos oprime.

Estes debates sobre a decolonialidade e o afro-perspectivismo realizados nesse artigo foram importantes para a realização do projeto de intervenção, na medida em que tais conceitos permitiram com que eu tivesse uma noção mais ampla acerca dos desafios a serem enfrentados, sem desconsiderar o fato dessa tarefa ainda ser um projeto "embrionário" que pretendo dar continuidade em outros trabalhos e realizações profissionais.

Tenho a sensação de dever cumprido, pois pude fazer o que mais amo (a música) com quem mais amo (as crianças). Isto porque, enquanto músico não alfabetizado<sup>12</sup> ultrapassei uma barreira enorme de preconceito e desvalorização do músico profissional, por não possuir uma formação acadêmica na área já mencionada. E enquanto futuro pedagogo. Desta forma, sinto-me realizado e feliz de ter ensinado mais sobre a cultura cabo-verdiana através da música e principalmente por ter apreendido com cada criança que participou da intervenção, pois considero que aprendi mais do que ensinei.

“Quando o docente ensina com alegria, emanam vibrações, através de uma metodologia lúdica e dinâmica própria do mundo de criança, estarão formando futuro ouvinte, talentosos artistas ou simplesmente pessoas sensíveis e equilibradas” (ANDRADE, 2019, p. 12).

Finalizo aqui citando a frase de Abreu (2018), “a gente vem e passa, vem e passa no sentido de passar mesmo e passa também a nossa experiência para quem está chegando” (*apud* BARBOSA, 2015, p. 85).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Geisla Sanara Silva de. **Relatório de Projeto de Intervenção Social Círculo de Cura: diálogos sobre a saúde integral da mulher**. 2018. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018. Disponível em: Acesso em: 30. jan. 2020. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/1348>. Acesso em: 30. jan. 2020.
- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, v. 21, n. 41, p. 5-20, jan./jun. 2008. Disponível: 30.jan. 2020.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; Sanchez, Livia Pizauro. **Implementação da Lei 10.639/2003: competências, habilidades e pesquisas para a transformação social**, jan./abr. 2017.
- ANDRADE, A. da. S. A música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação. 2011. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.
- BARROS, Rosa Maria Rodrigues; MARQUES, Letícia Coleoni; TAVARES, Luiza Sharith Pereira. **A importância da música para o ensino-aprendizagem na educação infantil: reflexões à luz da psicologia histórico-cultural**. IV COLBEDUCA e II CIEE, 24 e 25 de

---

<sup>12</sup> Músico não alfabetizado: termo usado no meio circular por músicos com graduação na área musical em relação ao músico que não possui uma formação musical e, principalmente, não lê partitura.

janeiro de 2018, Revistas UDESC. Disponível em:  
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/11348>.

BERG, Karen. **A música da alma**. <https://www.kabbalahcentre.com.br/musica-alma-karenberg>: Acesso em: 30. jan.2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva e negra. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>  
**Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, Número 1 Janeiro/Abril 2016.

BRASIL, REPÚBLICA FEDERATIVA DO. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 30. jan. 2020.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CARVALHO, José Jorge. **A tradição musical iorubá no Brasil: um cristal que se oculta e revela**. Brasília 2003. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie327empdf.pdf>. Acesso em: 30.jan.2020.

CORREIA, Marcos Antonio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação**. Editora UFPR, Educar Curitiba, n. 36, p. 127-145, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a10n36.pdf>. Acesso em: 30. jan. 2020.

GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O papel da música na Educação Infantil. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 85-101, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71518580013.pdf>. Acesso em: 30. jan. 2020.

GOMES, J. B. B. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social**. Rio de Janeiro, RJ: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/705/r15108.pdf?sequence=4&isAllowed=y>, Renovar, 2001.

MARQUEZ, Eugenia Portela de Siqueira. **Alguns apontamentos sobre a implementação da lei 10.639/2003 nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul**. XII EDUCERE – Congresso Nacional de Educação: Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente, de 26 a 29 de outubro de 2015, Pontifícia Universidade Católica PUC-PR, Curitiba, Paraná. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16343\\_8546.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16343_8546.pdf); Acesso em: 30. jan. 2020.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Olhar do Professor**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. S/A. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1051>. Acesso em: 30. jan. 2020.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Infância diante do racismo: teses para um bom combate. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n2/2175-6236-edreal-44-02-e88362.pdf>. Acesso em: 30. jan.2020.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. **Latitude**, Vol. 10, nº 2, pp. 383-423, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313139655\\_Cade\\_as\\_crianças\\_negras\\_que\\_estavam\\_aqui\\_O\\_racismo\\_ão\\_comeu](https://www.researchgate.net/publication/313139655_Cade_as_crianças_negras_que_estavam_aqui_O_racismo_ão_comeu) Acesso em: 30. jan. 2020.

NUNES, Míghian Danae Ferreira Nunes. Histórias de Ébano: professoras negras de educação infantil da cidade de São Paulo. Curitiba: Ed. CRV, 2012.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz oncha. **Uma breve História dos estudos decoloniais**. MASP, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em: 30. jan. 2020.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Florentina da Silva; PEREIRA, Leticia Maria da Souza. **Implementação da Lei 10.639/2003**: mapeando embates e percalços. Educ. rev. no.47 Curitiba Jan./Mar. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602013000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602013000100005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30. jan. 2020.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. Diretrizes Gerais. Disponível em: [http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes\\_Gerais\\_UNILAB.pdf](http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf). Acesso em: 30. jan. 2020.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Ed. Americanas, Rio de Janeiro, 1975.